

# DIZERES DISCURSIVOS “AQUI” VERSUS “LÁ”: EIXOS DE CONSTITUIÇÃO INTERDISCURSIVA

Cristinne Leus Tomé<sup>1</sup>  
Neusa Inês Philippsen<sup>2</sup>

## Introdução

As marcas linguísticas “aqui” e “lá” representam a ênfase discursiva tecida nesse estudo, que pretende (re)significar, mais especificamente a partir do conceito de acontecimento, os saberes interdiscursivos a essas marcas. Para tanto, buscamos apreender como essas marcas significam nos contextos sócio-históricos e ideológicos em que se constituem e que determinações de sentido legitimam esses dizeres.

Intencionamos, ao considerarmos para análise o contexto imediato (da enunciação), as condições de produção e as situações enunciativas dadas, compreender como os efeitos de sentidos são constituídos e como a memória discursiva torna possível os dizeres dos sujeitos em determinados contextos sócio-históricos. Entendemos, assim, que é pelo interdiscurso, que remete aos já-ditos e aos pré-construídos, que se produzem sentidos outros a partir de interpelações de sentidos já pré-existentes.

Adotamos como *corpus* de análise uma entrevista realizada com Dona Flor<sup>3</sup>, residente no Bairro Alto da Glória, periferia da cidade de Sinop<sup>4</sup>. Dentre os procedimentos de análise verificamos nos fios discursivos variáveis como qualidade de vida, saúde, educação, transporte, moradia, lazer etc. Nessa tessitura discursiva destacam-se, entretanto, as marcas discursivas “lá na cidade” / “aqui no Alto da Glória”. Assim, lançamos nosso olhar analítico para a compreensão de como se constituiu uma memória discursiva entre o “aqui” e o “lá” nesse contexto de produção de sentidos.

Tal olhar analítico fez-se acompanhado de inquietações e questões norteadoras como: por que motivo alguém diria “lá na cidade” se estamos na cidade? Que sentidos são possíveis de compreender a partir destes enunciados? Como se estabelecem estas relações imaginárias presentes dos discursos do “aqui” e do “lá”? Questões essas que respondemos ao longo dos apontamentos analíticos nos vieses discursivos que apresentaremos a seguir.

## Ela e a família: “morei em vários lugares”

---

<sup>1</sup> Professora de Metodologia Científica no Departamento de Pedagogia da UNEMAT – *Campus* Universitário de Sinop. Doutora em Educação pelo PPGEdU / UFRGS. [cristinne@unemat-net.br](mailto:cristinne@unemat-net.br)

<sup>2</sup> Professora de Língua Portuguesa e Linguística no Departamento de Letras da UNEMAT – *Campus* Universitário de Sinop. É doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa na USP. [neinph@usp.br](mailto:neinph@usp.br)

<sup>3</sup> Nome fictício dado ao sujeito entrevistado e que integra os *corpora* de pesquisa e extensão Projeto de Pesquisa e Extensão “A Terceira Idade em Sinop e suas realidades”.

<sup>4</sup> Fundada em 14 de setembro de 1974, Sinop (Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná) dista 503 km de Cuiabá, a capital do Estado, e tem uma população oficial de 111.643 habitantes (IBGE 2010). É importante ressaltar que é nesse espaço físico que se localizam as pesquisadoras.

A vida de Dona Flor poderia ser descrita como um livro aberto, com a particularidade de considerarmos esse livro um mapa rodoviário. Vários caminhos a levaram a “vários lugares”; caminhos estes tecidos de “sonhos”.

“Morei em vários lugares” nos conta,

(01) Eu nasci em Minas, quando meu pai veio para o Paraná eu tinha onze anos, depois que eu casei, saí do Paraná, já andei bastante por aí, morei em vários lugares, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso do Norte. Morei em vários lugares por aqui.

No Paraná, onde casou, começou a constituição de uma família. Mas, a permanência em um lugar definitivo não era característica dos membros masculinos de sua família. Assim como seu pai se mudou quando criança, agora seu esposo e filho seguiam o mesmo caminho, eles tinham um “sonho” a perseguir.

(02) Eu mudei várias vezes sabe, e meu esposo e meu filho tinham sonho de lavoura, mexer com gado, coisa assim, aqui era mais fácil.

A busca pela posse da terra a levou ao Mato Grosso, a “vários lugares” neste Estado. Primeiramente ela aponta à conquista do “sonho” do marido e do filho, em possuir a terra, para logo, com a família crescendo, apontar à necessidade de possuir o estudo. Neste segundo momento, os estudos dos filhos foram decisórios para os rumos da família:

(03) Quando eu tinha meu esposo, eu morava, a gente morou, igual eu tava te falando, vários lugares ali em Terra Nova, né? Depois, a gente, pelo estudo dos filhos, resolvemos ir para Cuiabá. Vendemos e compramos a casa em Cuiabá, né? E em Cuiabá eu fiquei viúva.

Viúva, trabalhou e sustentou sozinha os seis filhos: três homens, duas mulheres e um neto, que criou como filho desde o nascimento. Morou em Cuiabá alguns anos devido a necessidade de estudos dos filhos. Com o tempo, a crescente violência que presenciava na cidade grande, e o medo decorrente de que algum mal poderia lhes suceder, a fez partir para Sinop. Primeiramente,

(04) Eu fiquei uns oito meses ali no [Bairro] Menino Jesus e depois vim para cá, tem dez anos que eu moro aqui nessa casa. [...] E depois em 2000 eu vim morar aqui no Alto da Glória.

“Aqui no Alto da Glória” ela interrompeu a constante sucessão para “morei em vários lugares”. Dona Flor comprou uma casa, com terreno suficiente para os filhos construírem e ficarem perto. Manteve a família unida e próxima, com estudo, longe da violência, e num lugar que oferta trabalho para todos.

Finalmente estabelecida num espaço físico por ela escolhido, o Bairro Alto da Glória em Sinop, evidencia-se a constituição desse sujeito nesse novo espaço sócio-histórico e da sua identificação entre “aqui” e “lá”, isto é, entre a linha imaginária construída ideologicamente que

separa um bairro da periferia como não-pertença da cidade, conforme podemos verificar nas formulações discursivas abaixo.

### “Aqui no Alto da Glória” *versus* “lá na cidade”

O momento do estranhamento para o “aqui” e “lá” se deve à ocasião em que, perguntada sobre os cursos que havia feito terem sido realizados aqui em Sinop (e o advérbio “aqui” estava presente na pergunta), ela respondeu:

(05) Aqui no Alto da Glória, lá na cidade eu não fiz nenhum. É difícil para gente ficar... de ônibus.

Esta formulação estabeleceu o caminho analítico suscitado pelas marcas linguísticas “aqui” e “lá” a serem significadas, isto é, buscar no conceito de acontecimento, encontro da atualidade com a memória, os saberes interdiscursivos a essas marcas. Desse modo, buscamos compreender como essas marcas significam.

A AD se pretende uma teoria crítica que trata da *determinação histórica dos processos de significação*. Não estaciona nos produtos como tais. Trabalha com os processos e as condições de produção da linguagem. Condiciona, por isso, a possibilidade de se encontrarem regularidades à remissão da linguagem à sua exterioridade (condições de produção). (ORLANDI, 2001, p.12, grifo do autor).

Para compreendermos como se constitui uma memória discursiva entre o “aqui” e o “lá”, primeiramente localizaremos o espaço físico do Bairro Alto da Glória em relação ao todo da cidade de Sinop. Na Figura 01, em anexo, temos a localização do Hotel Alto da Glória, importante ponto identificatório do Bairro por situar-se na BR 163, juntamente com a Colonizadora Alto da Glória, grande responsável pela venda dos terrenos daquele local.

A representação da localização do Hotel parece ser afastada, visualmente, do Centro da Cidade, se imaginarmos que a distância para chegarmos até o Hotel parece ser a mesma necessária para cruzar a cidade de ponta a ponta. Mas este mapa vem acompanhado com um texto publicitário que nos informa a distância temporal entre o Bairro e a cidade, o que é uma noção menos hipotética: “Seja bem vindo ao Hotel Alto da Glória, localizado a 7 minutos do centro da cidade de Sinop, o hotel é ideal para quem preza pela economia e qualidade.” (*Site* Hotel Alto da Glória - Localização).

Na Figura 02, também em anexo, temos uma imagem do mesmo trajeto da Figura 01, mas com a representação do terreno físico, o que nos permite compreender que estes 7 (sete) minutos de distância entre o Bairro Alto da Glória e o Centro de Sinop são percorridos em uma BR cercada por atividades industriais, comerciais, domésticas, em ambos os lados. O texto publicitário do Hotel Alto da Glória reforça as atividades econômicas que ali estão estabelecidas quando nos apresenta que:

Por localizar-se em meio ao setor industrial e produtivo de Sinop, o hotel tem em seu foco acomodar de forma aconchegante os profissionais que atuam no suporte destas empresas, como representantes comerciais, fornecedores de serviços especializados, executivos, empresários,

viajantes, enfim, todos àqueles que direta ou indiretamente vinculam-se nas atividades industriais e do agronegócio. (*Site* Hotel Alto da Glória - Acomodações).

7 (sete) minutos não nos parece, a princípio, ser uma longa distância entre um Bairro e o Centro da cidade. Mas, seriam esses 7 (sete) minutos de carro, de ônibus ou de bicicleta, todos eles veículos de transporte comumente usados na cidade? Quais os sentidos que separam esses 7 (sete) minutos para serem uma referência de distância temporal entre o “aqui” e o “lá”?

Para vencer estes 7 (sete) minutos que a separam do Centro, Dona Flor constituiu alguns sentidos, e dentre eles destacamos a importância do possuir passe livre (para pessoas com mais de 60 anos) no transporte coletivo urbano, presentes nas marcas do “antes” / “antigamente” sentir-se presa para o “depois” / “hoje” sentir-se liberta para ir e vir, circular pela cidade; os sentidos de “antes” ser difícil e “agora” ser complicado ir às consultas médicas; os sentidos sobre “antes” não fazer cursos na cidade e de “agora” depender da oferta, uma vez que ela já fez muitos “aqui” no Alto da Glória, conforme especifica na formulação abaixo:

(06) [...] porque tem muita gente aqui qualificada nesse Alto da Glória através desses cursos [...] Sim porque eu fiquei como coordenadora do grupo, sabe, e inclusive quando tem curso, ela (Sindicato) liga aqui: “Dona [Flor] vamos trabalhar, tem curso tal, vamos mandar para o Alto da Glória, a senhora está disposta?”

A seguir, algumas paráfrases de afirmação ou oposição para o “aqui” e o “lá”:

(07) Por que igual eu te disse, sempre vivendo assim, sabe, naquelas coisas pequenas mesmo, então eu, gostaria, eu consegui minha carteirinha de viagem, consegui a carteirinha de ônibus, consegui ser mais... liberar um pouco, porque antes eu vivia presa, eu não tinha condições nem de ir na cidade.

(08) Ah, melhorou, se é bom, bom, eu não sei [risos] melhorou alguma coisa. Porque eu não tinha mesmo, situação financeira sempre foi muito difícil, né? Quantas vezes eu tinha que resolver uma coisa lá no centro, eu não tinha um passe para ir, inclusive vou citar um problema para você, quando eu quebrei a perna, o médico passou para mim, não sei quantas fisioterapias, eu não pude fazer, eu não tinha condições de pagar passe para ir e voltar e hoje eu já posso fazer isso, então parte melhorou, né?

(09) Eu vou, passeio, vou atrás dos meus direitos e eu posso, hoje eu tenho livre acesso para eu ir na cidade se eu quiser ir duas, três vezes na cidade, eu posso ir sem pagar nada, tipo assim e antigamente eu ia uma vez por semana, uma vez por mês porque tinha que economizar o passe.

Ao considerarmos para análise o contexto imediato (da enunciação) como também o contexto sócio-histórico e ideológico, isto é, as condições de produção, podemos compreender como os efeitos de sentidos são constituídos (ORLANDI, 1999, p. 30). Ao estudarmos os sentidos

presentes, estamos em uma relação em que o sujeito, afetado pela língua, e num contexto histórico formula, produzindo seus dizeres. “[...] a memória que tornou possível esse dizer para esses sujeitos num determinado momento e que representa o eixo de sua constituição (interdiscurso)” (Ibidem, p. 33). É pelo interdiscurso que “[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. (Ibidem, p. 31).

A sequência discursiva de (07) “eu consegui minha carteirinha de viagem, consegui a carteirinha de ônibus, consegui ser mais... liberar um pouco, porque antes eu vivia presa, eu não tinha condições nem de ir na cidade” nos traz sentidos em que “conseguir” a carteira de passe livre no transporte urbano dividiu suas preocupações de locomoção em dois momentos distintos. Identificamos aqui a posição-sujeito (posição que os indivíduos são chamados a assumir em suas práticas sociais) marcada pela sua inclusão aos privilégios do mundo do “lá”.

Antes ela “não tinha condições” financeiras de circular pela cidade, pelo centro, uma vez que esses “7 (sete) minutos” de distância temporal entre o Bairro e o Centro são intransponíveis para aqueles que se encontram à margem daqueles que têm acesso ao transporte. Após a posse da carteira, os sentidos para ir e vir são significados como liberdade sem restrições para alguém que “vivia presa” e sem “condições”. Para “ir na cidade”, Dona Flor tinha que ter condições financeiras para pagar a passagem, situação que ela não tinha; as pessoas que vão “na cidade” são aquelas que tem condições para percorrer esses “7 (sete) minutos” de separação, medidos em quilômetros e em Reais.

A segregação social presente às pessoas como Dona Flor em que a “situação financeira sempre foi muito difícil” encontra-se também nas sequências discursivas que abordam a saúde pública, tal como em (08) “Porque eu não tinha mesmo, situação financeira sempre foi muito difícil, né? Quantas vezes eu tinha que resolver uma coisa lá no centro, eu não tinha um passe para ir, inclusive vou citar um problema para você, quando eu quebrei a perna, o médico passou para mim, não sei quantas fisioterapias, eu não pude fazer, eu não tinha condições de pagar passe para ir e voltar e hoje eu já posso fazer isso, então parte melhorou, né?”

“Eu não tinha condições de pagar passe para ir e voltar” fazer “não sei quantas fisioterapias”. Dona Flor, nessa formulação, se discursa como um sujeito que é excluído de uma cidade que tem fisioterapia, mas que não é para todos; e o motivo da exclusão não era a falta de requisição médica, mas a falta de passe.

Na memória discursiva deste sujeito excluído do acesso médico por falta de meios de transporte de como chegar a ele, Dona Flor nos “[...] disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada.” (ORLANDI, 1999, p. 31). No caso de nosso sujeito de investigação, em sua fala encontramos todos os já-ditos sobre as questões sociais que envolvem a falta de condições e a falta de acesso. A importância do passe livre para idosos é significada como momento de liberdade em (07) e é intensificada no instante em que enuncia: “vou atrás dos meus direitos” na sequência a seguir: (09) “Eu vou, passeio, vou atrás dos meus direitos e eu posso, hoje eu tenho livre acesso para eu ir na cidade se eu quiser ir duas, três vezes na cidade, eu posso ir sem pagar nada, tipo assim e antigamente eu ia uma vez por semana, uma vez por mês porque tinha que economizar o passe.”

“Antigamente” *versus* “hoje”; “uma vez por semana” ou “uma vez por mês” *versus* “duas, três vezes” (quantas “eu quiser”); “tinha que economizar o passe” *versus* “sem pagar nada”. Portanto, ir à cidade de ônibus não se manteve com o sentido de exclusão, o “livre acesso” para ir na cidade, liberdade de ir e vir, expandiu seus horizontes político-sociais, “hoje”, diz ela, “vou atrás dos meus direitos”, “eu posso”, “eu vou”. O sentido que nasce do “eu posso” nos lembra de suas experiências passadas, de tantas incertezas já vividas.

Observamos aqui a re-significação que existe entre o que era o “antes” e o que é o “agora” dentro dos sentidos para o “aqui” e o “lá”. É, assim, no domínio do interdiscurso, no conjunto de discursos já-dados, dá-ditos, que o enunciado se constitui e é afetado. Entre o “antes” e o “depois”, o “aqui” e o “lá” numa relação direta com o interdiscurso que o sujeito constitui seus sentidos sobre um “agora” menos difícil do que o “antes” como se estivesse livre de sua condição de sujeito histórico. Dona Flor, a partir dessa nova possibilidade de situação enunciativa passa a reportar a sua identificação discursiva sobre o discurso do menos difícil.

Os sentidos que se formam para o “ir na cidade” para consultas médicas, permeados pelas dificuldades econômicas, agora com o passe livre se fazem abrandados. É o que também podemos constatar na formulação (10) abaixo.

(10) Quando a gente precisa é meio complicado, porque certos tipos de exames têm que ser feito no PA [Pronto Atendimento]. Inclusive eu estou com dois exames lá que eu não sei para quando eles vão me chamar, já faz uns seis meses que está lá o pedido do exame, de osteoporose sabe e [...], a gente vai no postinho, pega o encaminhamento e vai na saúde e eles fazem o pedido e ai espera.

Segundo a moradora entrevistada continua ainda “meio complicado” ir à cidade, mas não é mais um obstáculo econômico quase intransponível. Não é mais problema pegar o “pedido de exame” no “postinho” e ir para a cidade, mas o processo pode ser demorado “faz uns seis meses”. Vale ressaltar, então, que entre o “aqui” e o “lá” as distâncias foram encurtadas: as marcas discursivas sobre as dificuldades econômicas encontradas para ir à cidade, ao centro, são minimizadas a partir do passe livre; o “lá” não ficou mais tão distante.

E sobre o atendimento do Posto de Saúde do Bairro ela considera bom, “tudo agendado”, “tudo notificado”, tem “um dia para os idosos”, ser atendida no Posto é mais rápido, mas ela sabe que pode pegar o ônibus e ir ao PA se precisar.

(11) Dá, dá agendado, né? Tipo assim, tudo agendado, tudo notificado, quantas pessoas por dia e tudo mais, tem um dia para as gestantes, um dia para os idosos é bem... Eu não reclamo do postinho não, remédio às vezes falta, mas, não é culpa deles né? É culpa da saúde mesmo, né? Quando tem a gente passa pelo médico e eles dão remédio para a gente.

Nesse viés discursivo chamamos a atenção para a “falta”, trazida como uma constante no bairro, e com isenção de culpa por parte dos agentes, pois, “não é culpa deles” “é da saúde mesmo”. A “falta”, dessa maneira, é aceita como cotidiana e algo estar em “falta” não significa

culpar alguém/algo específico por aquela condição. A “culpa” por estar nesta situação é de algo indeterminado, generalizado, no caso, “da saúde”.

A “falta” faz parte do dia a dia dos moradores do Bairro. Encontramos a marca discursiva da “falta”, na área da saúde, que remete à falta de mais locais de consultas, inclusive na fala do vice-presidente da Câmara de Sinop, vereador Sérgio Palmasola (PDT), quando “[...] sugeriu a construção de uma Estratégia de Saúde da Família (ESF) para o bairro Alto da Glória.” (CMS – Assessoria, 05 nov. 2010). Na área da educação, o mesmo vereador, em momento anterior, “[...] reivindicou a construção de uma escola municipal no bairro Alto da Glória” uma vez que “[...] há carência de vagas.” (CMS – Assessoria, 31 ago. 2010).

O acesso à água potável e encanada só foi possível em 2010. Foi durante a gestão de Juventino Silva, diretor do Serviço Autônomo de Água e Esgoto de Sinop (SAAES), que foram instalados “[...] 8.931 metros de rede de distribuição de água. [...] a melhoria irá beneficiar 720 pessoas que residem no local.” (LAZAROTTO, 2010, p. única).

O transporte de ônibus ofertado pela única empresa de transporte coletivo do município também não contempla satisfatoriamente a demanda exigida entre passageiros e número de ônibus circulante. Notamos a “falta” presente entre sair do “aqui” para ir no “lá” quando o vereador Remídio Kuntz (PP) “[...] cobrou mais ônibus para a linha que percorre Alto da Glória ao Centro” uma vez que “[...] há maior necessidade no horário entre às 13h e 14h, quando tem o maior volume de pessoas nos ônibus”. Ressalta que “muitas vezes o ônibus passa lotado e quem não conseguem entrar, muitas vezes tem que esperar mais de uma hora até passar o próximo coletivo”. (CMS – Assessoria, 22 out. 2010).

Na imagem 03, em anexo, podemos observar que o Bairro Alto da Glória não tem suas ruas/avenidas asfaltadas, mas de terra batida, o que torna necessário o cascalhamento destas regularmente. A “falta” se faz presente também neste momento, na fala do Secretário de Obras, Edilson Rocha Ribeiro, ao dizer que “[...] o bairro não foi uma escolha, mas sim um pedido intenso dos moradores e lideranças.” E o motivo deste “pedido intenso” era porque “o bairro, afastado do centro da cidade, há muito não recebia atenção.” (RIBEIRO, 2009, p. única).

Além desta sequência apresentada sobre a “falta” presente na vida dos moradores do Bairro, relativa aos atendimentos nas áreas da saúde, educação, água, traslado, Dona Flor completa com mais uma, a dos serviços bancários:

(12) É uma outra coisa que nós estamos precisando muito aqui, é um caixa eletrônico.

A discursividade sobre a “falta” que Dona Flor repete está ancorada na memória discursiva tão permeada por formulações que confirmam/negam/escorregam sentidos sobre o que “falta” ou porquê “falta”. Quando apontamos em Orlandi (1999, p. 31) que a memória discursiva é o “saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído” vemos aqui que a prática discursiva nos coloca em relação à memória, e a partir dela nos compreendemos, nos identificamos, nos relacionamos nos processos sócio-históricos.

Nesse sentido, podemos afirmar que são nos discursos sobre a “falta” que se constituem as marcas excludentes entre o “aqui” e o “lá”; a produção discursiva sobre a “falta” se relaciona com a

existência de sentidos que circulam/circularam em práticas sociais (discursivas) tornando-se estabelecidas, aceitas, como se fosse natural viver nessas condições específicas. Nas falas dos representantes públicos temos que é necessário mais um posto de saúde, mais uma escola, água potável, cascalhar as vias públicas e o “pedido intenso” de seus moradores para que se consigam essas melhorias. A construção legitimada pelo imaginário é que o “aqui” é um bairro “afastado do centro da cidade”, e os dizeres sobre a “falta” há muito circulam e se constituíram.

No “aqui” a “falta” vem ainda acompanhada do discurso da “luta”, que se encontra presente na fala de Dona Flor quando menciona sua atividade na Associação de Mulheres:

(13) Olha a gente, no início, quando nós quisemos montar uma Associação para nós, porque já faz uns quantos anos que estamos nesta luta, uns seis anos [...].

(14) Lutando para ver se conseguimos Associação de Mulheres para trabalhar, e a gente começou a fazer curso. Primeiro nós fizemos a nossa linha lá embaixo, depois eu dei uma das minhas casinhas aqui prá sede, prá ficar como fosse uma Sede da Associação, que eu tenho uma casinha aqui no fundo. E depois, por fim, os cursos que nós íamos fazer, por ser um curso mais sofisticado, nós fazíamos [...] lá no fundo do hotel lá, lá fizemos vários cursos, porque ela tem a cozinha já preparada para curso de alimentação, né?

Para compreendermos essa inter-relação discursiva que atravessa o contexto enunciativo de nosso sujeito de pesquisa ater-nos-emos à obra **Semântica e Discurso**, de Pêcheux, ao descrever a concepção do sujeito, constituído nas relações sociais com ênfase no imaginário, uma articulação teórica entre inconsciente e ideologia, que chamou de “uma teoria não-subjetivista da subjetividade”. Esta:

[...] designa os processos de “imposição/dissimulação” que constituem o sujeito, “situando-o” (significando para ele *o que ele é*) e, ao mesmo tempo, dissimulando para ele essa “situação” (esse *assujeitamento*) pela ilusão de autonomia constitutiva do sujeito, de modo que o sujeito “funcione por si mesmo” [...]. (PÊCHEUX, 1995, p. 133, grifo do autor).

Ao simular uma significação de si mesmo sobre “o que ele é”, ao significar esse real, o sujeito se coloca em uma posição, posição do seu dizer, posição de pertença a uma memória de enunciados. Não significa que o indivíduo nasça e morra permanecendo numa mesma posição manifestada no seu dizer, ao contrário, o sujeito assume diversas posições, diversos lugares de fala. “Indivíduo interpelado pela ideologia em sujeito” (PÊCHEUX, 1995, p. 154), o sujeito navega por entre redes discursivas, por entre saberes, deslizando entre formações discursivas nas quais se inscreve como se fosse dono do seu dizer. Ao mesmo tempo em que o sujeito se identifica com uma determinada formação discursiva, pode, em outro momento, se não-identificar. Em Pêcheux (1995, p. 266), é na “[...] forma-sujeito do discurso, na qual coexistem, indissociavelmente, interpelação, identificação e produção de sentido [...]”, que o sujeito, interpelado pelo sentido já-lá, identifica-se com ele, produzindo novo sentido a partir de outras interpelações por outros sentidos já pré-existentes.

Ao definir forma-sujeito, o mesmo autor o faz da seguinte maneira:

[...] diremos que a forma-sujeito (pela qual o 'sujeito do discurso' se identifica com a formação discursiva que o constitui) tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, ela simula o interdiscurso no intradiscurso, de modo que o interdiscurso aparece como o puro 'já-dito' do intradiscurso, no qual ele se articula por 'co-referência'. (PÊCHEUX, *Ibid.*, p. 167)

No contexto sócio-histórico dos moradores do Bairro Alto da Glória, as imagens que estes projetam de seu Bairro, numa posição discursiva, é a de que a “falta” é uma presença constante, que se deve “lutar” para obter os seus direitos. O discurso da “falta” aliado ao da “luta” os mantêm em uma relação de exclusão: os de “aqui” estão em “falta”, eles devem “lutar” para estar como os de “lá”, onde os acessos à saúde, educação, banco etc. estão presentes. O “aqui” é o “bairro afastado do centro da cidade (o ‘lá’”, em que temos ressaltados os significados sobre as condições de vida de seus moradores, são “7 (sete) minutos” de uma faixa imaginária entre o acesso e o não-acesso.

E, Dona Flor, ainda na luta para amenizar tantas “faltas” no seu Bairro, sonha em amenizar uma “falta” particular:

(15) O que eu queria mesmo é construir uma casinha melhor para mim, esse é um sonho que eu tenho desde de quando eu comprei aqui. Eu moro nesta casa aqui porque eu comprei desse jeito, mas o meu sonho era o dia que eu pudesse fazer uma casa para mim do meu jeito, uma casinha de alvenaria, bem feitinha, sabe, não é pegar uma coisa feita igual aqui. O sonho que eu tenho é este de morar mais bem um pouco sabe [...].

No discurso do sonho, o imaginar-se em uma casa “bem feitinha” em um Bairro como os tantos de “lá”.

## Conclusão

Ao construirmos as várias sequências enunciativas sobre o “aqui” e o “lá”, notamos que elas sempre vinham acompanhadas dos motivos que levavam a moradora entrevistada do Bairro a sair do mesmo para ir à cidade, fossem eles de saúde ou de lazer. Os sentidos sobre estas marcas discursivas inserem-se no discurso da “falta”, notadamente em um contexto de exclusão social que separa o Bairro da cidade. E a distância discursiva destes 7 (sete) minutos de exclusão são motivos das constantes lutas por um espaço enunciativo junto ao poder público para que o “aqui” receba também as mesmas benfeitorias de “lá”.

Nesse sentido, o sujeito, como falante, portador, representante e dominado pela formação discursiva que o constitui como tal, se filia aos sentidos já dados (sempre já-lá), e é interpelado por estes sentidos; simbolicamente mergulhado ao sentido pré-existente. Em novas conjunturas, novos sentidos são explorados pelos sujeitos, que poderão permanecer na memória discursiva caso haja identificação do sujeito a este novo sentido, o que lhes possibilita marcar a sua posição-

sujeito frente às situações enunciativas e condições de produção que se lhes apresentarem.

### Referências Bibliográficas

ALTO DA GLÓRIA SITE. *Só no Altão*. Disponível em: < <http://sonoaltao.blogspot.com/2007/10/super-quente-show-de-marcos-e-kauan-em.html> >. Acesso em: 06 mar. 2011.

CAMARA MUNICIPAL DE SINOP. *Remídio Kuntz cobra mais ônibus para Alto da Glória*. Assessoria, 22 out. 2009. Disponível em: < <http://www.camarasinop.mt.gov.br/> >. Acesso em: 07 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. *Sérgio Palmasola reivindica escola para Alto da Glória*. Assessoria, 31 ago. 2010. Disponível em: < <http://www.camarasinop.mt.gov.br/> >. Acesso em: 07 mar. 2011.

\_\_\_\_\_. *Palmasola pede Posto de Saúde para Alto da Glória*. Assessoria, 05 nov. 2010. Disponível em: < <http://www.camarasinop.mt.gov.br/> >. Acesso em: 07 mar. 2011.

HOTEL ALTO DA GLÓRIA. Disponível em: < <http://www.hotelaltodagloria.com.br/> > Acesso em: 06 mar. 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Resultados do Censo. *Dados do censo 2010 publicados no Diário Oficial da União*. Rio de Janeiro: nov. de 2010. Disponível em: < [http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados\\_divulgados/index.php?uf=51](http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=51) >. Acesso em: 19 jan. 2011.

LAZAROTTO, Cláudia. *SAAES iniciou instalação de 8 mil metros de rede de distribuição de água no Alto da Glória*. Prefeitura Municipal de Sinop; Assecom, 10 ago. 2010. Disponível em: < <http://www.sinop.mt.gov.br> > Acesso em: 07 mar. 2011.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999. 100p.

\_\_\_\_\_. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4.ed. 2. reimp. Campinas: Pontes, 2001. 276p.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2.ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995. 317p.

RIBEIRO, Ana Paula. *Secretaria de Obras: Começa cascalhamento nas ruas do Bairro Alto da Glória*. Prefeitura Municipal de Sinop; Assecom, 13 maio 2009. Disponível em: < <http://www.sinop.mt.gov.br> > Acesso em: 07 mar. 2011.

## Anexos

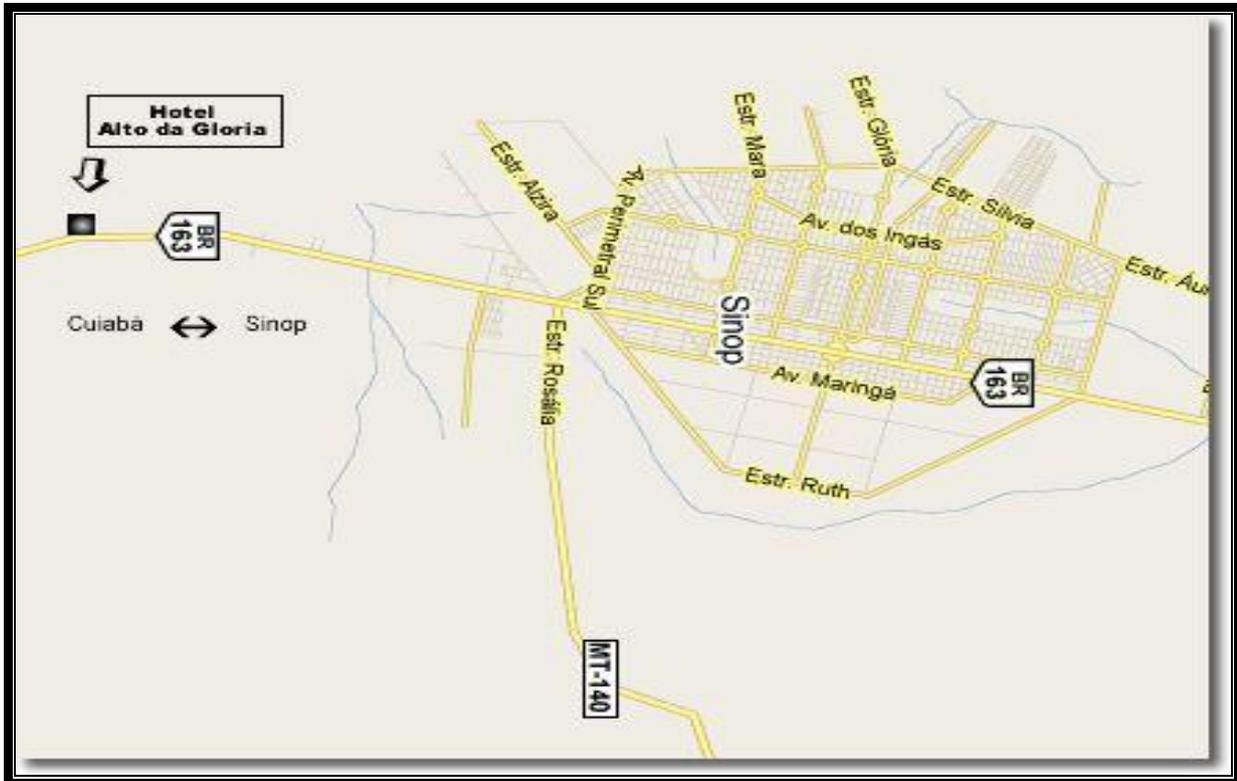


Figura 01: Hotel Alto da Glória - Localização  
Fonte: Site Hotel Alto da Glória.



Figura 02: “Aqui” Alto da Glória *versus* “Lá” Sinop

Fonte: Site Google Earth.

Org.: TOMÉ, Cristinne Leus; 2011



Figura 03: Vista Aérea do Bairro Alto da Glória

Fonte: Alto da Glória Site (Google Earth).